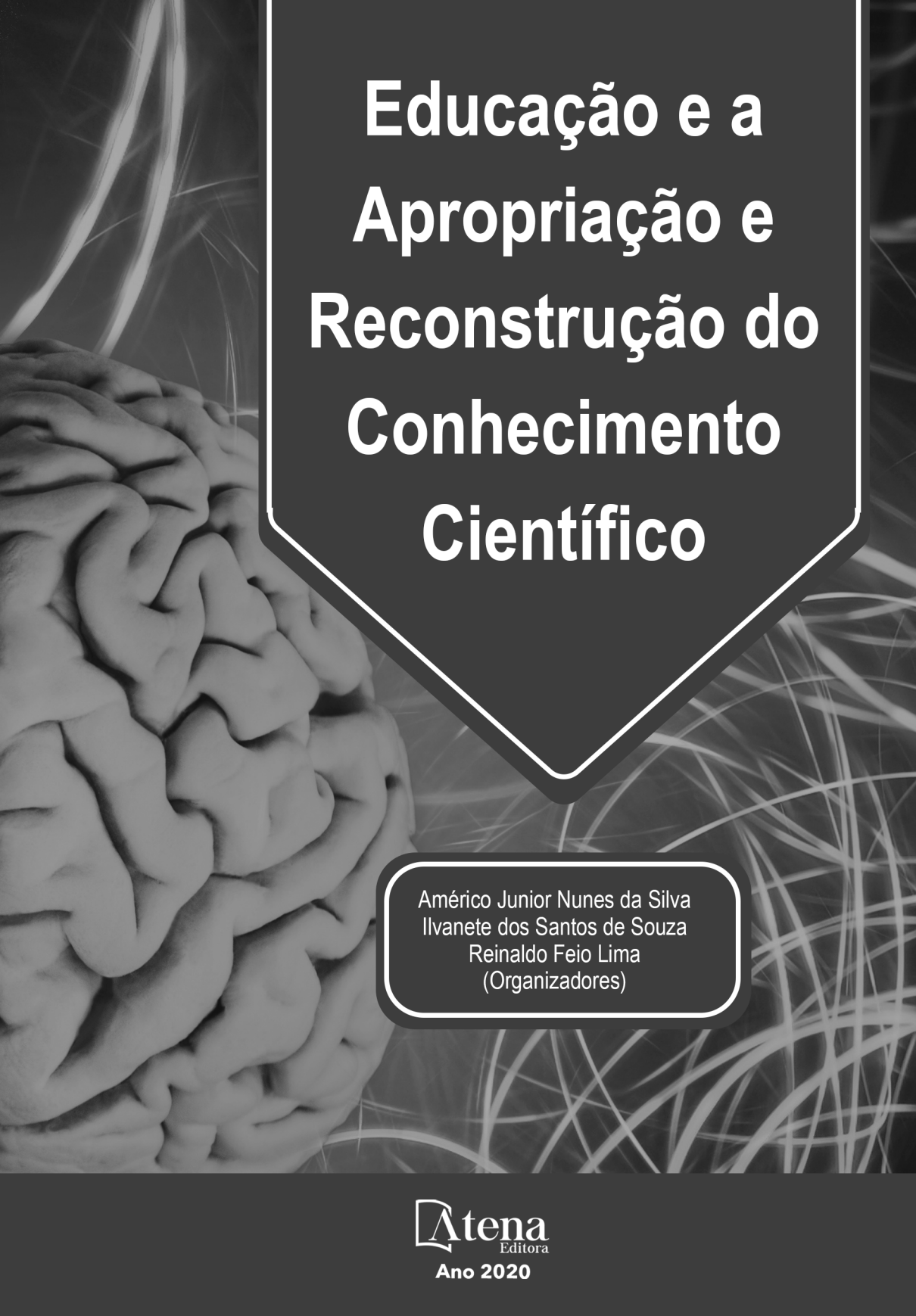


Educação e a Apropriação e Reconstrução do Conhecimento Científico

Américo Junior Nunes da Silva
Ivanete dos Santos de Souza
Reinaldo Feio Lima
(Organizadores)



Educação e a Apropriação e Reconstrução do Conhecimento Científico

Américo Junior Nunes da Silva
Ivanete dos Santos de Souza
Reinaldo Feio Lima
(Organizadores)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação e a apropriação e reconstrução do conhecimento científico

Editores: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Ilvanete dos Santos de Souza
Reinaldo Feio Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação e a apropriação e reconstrução do conhecimento científico / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ilvanete dos Santos de Souza, Reinaldo Feio Lima. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-607-2

DOI 10.22533/at.ed.072201512

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Souza, Ilvanete dos Santos de (Organizadora). III. Lima, Reinaldo Feio (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Esta obra surge no bojo de uma pandemia: a do novo coronavírus. Contexto marcado pelo distanciamento social e conseqüentemente a suspensão das atividades presenciais em escolas e universidades. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a pandemia da COVID-19 já impactou os estudos de mais de 1,5 bilhão de estudantes em 188 países. E é nessa conjuntura de um “novo normal” que os autores dessa obra organizam as produções que compõem este volume.

Boaventura de Souza Santos¹ em sua obra “A cruel pedagogia do vírus” nos apresenta algumas reflexões sobre os desafios desse período emergencial e lança luz sobre as desigualdades sociais evidenciadas por esse panorama. E conseqüentemente, na Educação, esses aspectos compactuam de algum modo, ao acentuar a exclusão daqueles que não conseguem adequar-se desencadeando impactos no ensino como, por exemplo, acesso a tecnologia, reinvenções metodológicas e a mudança de rotina da sala de aula, dentre outros. O cenário emergencial potencializa os desafios e traz à baila as fragilidades do ensino, ainda em fase de apropriação, pois precisam ser compreendidos, ou seja, as informações carregam intencionalidade.

As discussões realizadas neste volume 1 de “**Educação e a Apropriação e Reconstrução do Conhecimento Científico**”, perpassam pela Educação e seus diferentes contextos e reúnem estudos de autores nacionais e internacionais. Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país e que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejamos uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva
Ilvanete dos Santos de Souza
Reinaldo Feio Lima

1 SANTOS, Boaventura de Sousa. A Cruel Pedagogia do Vírus. Editora Almedina, Portugal. 2020.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O CARÁTER HUMANITÁRIO PARA A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE NUSSBAUM E DE PAULO FREIRE

Carmem Lucia Albrecht da Silveira
Rosimar Serena Siqueira Esquinsani

DOI 10.22533/at.ed.0722015121

CAPÍTULO 2..... 13

PELA DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA EM UMA AULA PRETA

Karoline Moreira de Oliveira
Antônio Carlos do Nascimento Osório

DOI 10.22533/at.ed.0722015122

CAPÍTULO 3..... 20

A IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS SOCIAIS DESPORTIVOS PARA EVITAR A INSERÇÃO DO ADOLESCENTE NA CRIMINALIDADE

Henrique Freire Simmer
Jose Geraldo Ferreira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.0722015123

CAPÍTULO 4..... 35

A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA

Alyne Cristine Domene Martins de Lima
Suzana Sirlene da Silva
Miryan Cristina Buzetti

DOI 10.22533/at.ed.0722015124

CAPÍTULO 5..... 40

COMPETÊNCIAS SÓCIOEMOCIONAIS NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR À LUZ DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Edna Mara Corrêa Miranda
Mayrla Pereira Sena Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.0722015125

CAPÍTULO 6..... 52

CRIANÇAS REFUGIADAS CONGOLESA NO RIO DE JANEIRO: TRAVESSIAS ATÉ A SALA DE AULA E O AMPARO LEGAL PARA INCLUÍ-LAS

Macon Salvino Nunes de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.0722015126

CAPÍTULO 7..... 58

EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO RURAL: BREVES REFLEXÕES SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

Angélica Brandão Santos

Thiago Almeida Vieira
Iani Dias Lauer-Leite
Maria Mirtes Cortinhas dos Santos
DOI 10.22533/at.ed.0722015127

CAPÍTULO 8..... 69

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LINGUAGEM INFANTIL PARA COORDENADORES PEDAGÓGICOS

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.0722015128

CAPÍTULO 9..... 76

INTEGRAÇÃO DO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO PARA O GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NA ESCOLA POLITÉCNICA DE PERNANBUCO E SUA VIZINHANÇA

Emilia Rahnemay Kohlman Rabbani

Alyx Diêgo Oliveira Silva

Vitória Fernanda de Paula Lucena

Barbara Virginia Pereira Cavalcanti

Sérgio Peres Ramos da Silva

Maria Conceição da Costa Silva

DOI 10.22533/at.ed.0722015129

CAPÍTULO 10..... 98

EXPERIMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO: UM CAMINHO PARA A INVESTIGAÇÃO DA GAMIFICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Tiago Bacciotti Moreira

Alvino Moraes de Amorim

Natal dos Santos Soares

DOI 10.22533/at.ed.07220151210

CAPÍTULO 11..... 106

EDUCAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS: POR UMA METODOLOGIA PARTICIPATIVA, LÚDICA E MULTIMODAL

Fátima Cristina Regis Martins de Oliveira

Mayara Fidalgo Pereira de Barros

Pollyana Rodrigues Pessoa Escalante

DOI 10.22533/at.ed.07220151211

CAPÍTULO 12..... 117

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juliana Maria Tozzo

DOI 10.22533/at.ed.07220151212

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 13 | 123 |
| INDÍGENAS NOS QUADRINHOS: UM ESTUDO A PARTIR DE AÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA | |
| Adriane Pesovento | |
| José Joaci Barboza | |
| DOI 10.22533/at.ed.07220151213 | |
| CAPÍTULO 14 | 138 |
| O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR | |
| Cintia Roberta Lara de Andrade | |
| DOI 10.22533/at.ed.07220151214 | |
| CAPÍTULO 15 | 145 |
| INTEGRAÇÃO DAS TIC EM ORGANIZAÇÕES E EMPRESAS EDUCATIVAS: DESENVOLVIMENTO TEÓRICO E DESCRITIVO | |
| José Gómez Galán | |
| DOI 10.22533/at.ed.07220151215 | |
| CAPÍTULO 16 | 156 |
| CARACTERIZACIÓN DE LAS CONCEPCIONES DE LOS DOCENTES UNIVERSITARIOS DE INGENIERÍA SOBRE LA EVALUACIÓN | |
| Fabián Alejandro Buffa | |
| María Basilisa García | |
| Julieta del Hoyo | |
| María Eugenia Victoria Hormaiztegui | |
| Paola Andrea Massa | |
| María Alejandra Fanovich | |
| Lucrecia Ethel Moro | |
| DOI 10.22533/at.ed.07220151216 | |
| CAPÍTULO 17 | 168 |
| MONTESSORI E A NEUROCIÊNCIA: A CONEXÃO NECESSÁRIA NA PRÁTICA DOCENTE | |
| Magna Aparecida de Oliveira Pinheiro | |
| Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira | |
| Felipa Pacífico Ribeiro de Assis Silveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.07220151217 | |
| CAPÍTULO 18 | 180 |
| A TRÍADE DE COMANDOS HÍDRICOS (MÁTER-PÁTER) MAIS IMPORTANTES DO CÉREBRO; FITO, TRI-TALÂMICA, HIPOFISÁRIO | |
| Cícera Paz da Silva | |
| Ítalo Marcos Paz de Andrade | |
| DOI 10.22533/at.ed.07220151218 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 19..... | 185 |
| PRODUÇÃO DO TCC EM UM CURSO DE PEDAGOGIA: EMOÇÕES, SENTIMENTOS E APRENDIZADOS VIVENCIADOS | |
| Selma Barros Daltro de Castro | |
| Luciana Rios da Silva | |
| Rosana Fernandes Falcão | |
| DOI 10.22533/at.ed.07220151219 | |
| CAPÍTULO 20..... | 196 |
| TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO | |
| Natal dos Santos Soares | |
| Alvino Moraes de Amorim | |
| Tiago Bacciotti Moreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.07220151220 | |
| SOBRE OS ORGANIZADORES | 215 |
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 217 |

INDÍGENAS NOS QUADRINHOS: UM ESTUDO A PARTIR DE AÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Data de aceite: 01/12/2020

Adriane Pesovento

Professora do Departamento de História
– UNIR, mestre em História e Doutora em
Educação - UFMT

José Joaci Barboza

Professor do Departamento de História –
UNIR, outorando em História – PUC RS

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo articular saberes oriundos das experiências didático-pedagógicas realizadas no curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado à Universidade Federal de Rondônia. Para tanto, tomou-se como ponto de partida para as reflexões os diálogos entre teoria e prática em diálogo com a produção de História em Quadrinhos – HQ. Num primeiro momento foram realizadas pesquisas bibliográficas com viés antropológico, em interface com o estudo da prática docente, entendida como algo que se amplia para além da dinâmica das aulas, mas que abraça reflexões sobre o pensar-fazer cotidiano, antes, durante e depois da aula. Neste caso, para amparar a investigação tomou-se como fonte os resultados das construções em HQs realizadas por crianças e adolescentes com o apoio de cursistas da pós-graduação acima mencionada. Entre os resultados obtidos, observa-se que ler HQs é importante e salta aos olhos dos leitores que se valem de linguagens diversas para ver o mundo, todavia, quando aquele que lê se torna

protagonista do processo de criação de enredo, organização e desenhos, a proximidade com o tema abordado se aprofunda, que neste caso foram os indígenas de Rondônia. Destaca-se que o propósito foi dar visibilidade aos povos indígenas por meio da linguagem da sociedade envolvente e não HQs de autorias indígenas.

PALAVRAS - CHAVE: Histórias em Quadrinhos, Indígenas, Rondônia. Ensino

ABSTRACT: The present study aims to articulate knowledge from didactic-pedagogical experiences realized in academic specialization course of Gender and Diversity at School linked to Federal University of Rondônia. Therefore, dialogs between theory and practice united with production in Comics were taken as reflection starting point. At first, it was realized bibliographic research with anthropological bias in interface with the study of teaching practical understood as something that expands to far beyond class dynamics, but also embraces reflections on everyday thinking-doing before, during and after class. In this case, in order to support the investigation, the results of the constructions in comic books made by children and adolescents with the support of graduate students mentioned above were taken as source. Among the results obtained, it is observed that reading comics is important and leaps to the eyes of readers who use different languages to see the world, however, when the reader becomes the protagonist of the process of creating the plot, organization and drawings, the proximity to the topic addressed deepens, which in this case were the indigenous people of Rondônia. It stands out

that the purpose was to give visibility to indigenous people through from the language of the surrounding society and not comic book by indigenous authors.

KEYWORDS: Indigenous in the Comics: a study starting from didactic-pedagogical action.

1 | INTRODUÇÃO

Quadrinhos e crianças combinam. Essa premissa é levada em conta no texto aqui apresentado. As razões são diversas, entre as quais a arte, a beleza, a forma lúdica de comunicar, a interpretação e a tradução, bem como as percepções e as concepções da vida cotidiana e porque não, os assuntos mais complexos que versam sobre dimensões da vida em sociedade. Com narrativa mais leve (no caso daqueles dedicados às crianças) em que ganha vazão a imaginação, a identificação com personagens, o desejo pela leitura, as associações com a vida infantil, incluindo alteração de códigos conhecidos, transformam os quadrinhos em alternativa palatável ao gosto infantil.

A linguagem em quadrinhos é reconhecida do oriente ao ocidente pois traduz de modo profundo e ao mesmo tempo simples, sentimentos e versões sobre o mundo. Desse modo, encanta não apenas as crianças, mas os adultos também, pois torna cognoscível de imediato determinados assuntos, que tanto podem apenas ensejar pequenas epifanias reflexivas, quanto adentrar a um plano de interligações com outros saberes, algo que tem o poder de provocar esferas mais profundas e recônditas da memória ou construir saberes acerca de determinados assuntos, tudo isso estabelece elos e conexões transformando a escrita e a experiência visual de leitura e imagem em conhecimento.

Enquanto uma forma de arte, a Histórias em Quadrinhos - HQs, podem anunciar a intencionalidade do autor, ou não, entretanto, sabe-se que há uma interseccionalidade entre narrador e artista (ilustração e desenhos) e o interlocutor nos diálogos. Tanto as leituras dos quadrinhos, quanto a sua produção, operam com categorias inventivas e criativas. Para que esta última se apresente, são necessários alguns elementos, destaque para os anunciados sobre a criatividade, a qual requer critérios, destaque para: conhecimentos, escolhas, “pausa criativa” e liberdade inventiva¹, seja em ambiente escolar ou não.

Não é novidade a construção de HQs em sala de aula e dependendo da forma como a proposta é apresentada pode inclusive gerar recusa por parte das crianças, mas especialmente nos adolescentes. Entre as razões destaca-se a negativa expressa quando a tarefa é desenhar algo, essa habilidade, própria das crianças é “roubada”, ano após ano, na medida em que as séries escolares vão avançando.

O ensino de artes muitas vezes furta a “coragem” para o desenho e ilustração, bem como outras formas de expressão. Uma prisão é criada através dos modelos prontos²,

1 Essa por sua vez, no caso escolar, deve privilegiar o aleatório, o desigual, o desconexo, a dúvida e os ensngts.

2 Em especial na educação infantil e anos iniciais da educação básica em que ainda vigoram o “colorir” algo previamente escolhido pelo (a) docente. O desenho livre perde espaço para o que é esteticamente inventado como belo, bonito e adequado, desde a escolha das cores, até introspecção dentro dos limites dos riscos de imagens prontas, assim, as infância vai ficando menos colorida, menos atrevida e menos livre, torna-se cercada pelo controle do que é tido como

nasce então um dos empecilhos, que exigirá muito esforço, compreensão e dedicação do docente para superá-los e estimular a livre expressão artística. Cabe notar, que tais menções não se aplicam exclusivamente as aulas da área de Linguagem e Arte, mas em Ciências, Geografia, História³ entre outras.

Aos poucos, a ditadura do belo e do feio vão ganhando mais importância do que a força do que expressam para o artista, o que determinada obra diz sobre sentimento, afeto e psicologia daquele que a produz. Como bem ensinou Gombrich (XXX) sobre a arte com A maiúsculo, também vão aos poucos furtando das crianças e adolescente o prazer de se expressar por meio de rabiscos, desenhos e ilustrações, assim, pode-se aventar que não há belo ou feio, exceto para quem o assim quer:

Na verdade, Arte com A maiúsculo passou a ser algo de um bicho-papão e de um fetiche. Podemos esmagar um artista dizendo-lhe que o que ele acaba de fazer pode ser muito bom no seu gênero, só que não é "Arte". E podemos desconcertar qualquer pessoa que esteja contemplando com prazer um quadro, declarando que aquilo de que ela gosta não é Arte, mas algo muito diferente. Na realidade, não penso que existam quaisquer razões erradas para se gostar de um quadro ou de uma escultura. Alguém pode gostar de uma paisagem porque ela lhe recorda seu berço natal, ou de um retrato porque lhe lembra um amigo. Nada há de errado nisso. Todos nós, quando vemos um quadro, estamos fadados a recordar mil e uma coisas que influenciam o nosso agrado ou desagrado. Na medida em que essas lembranças nos ajudam a fruir do que vemos, não temos por que nos preocupar. Somente quando alguma recordação irrelevante nos torna parciais e preconceituosos, quando instintivamente voltamos as costas a um quadro magnífico de uma cena alpina porque não gostamos de praticar o alpinismo, é que devemos perscrutar o nosso íntimo para desvendar as razões da aversão que estraga um prazer que de outro modo poderíamos ter. Há razões erradas para não se gostar de uma obra de arte. (GOMBRICH, 2003, p. 03)

2 | OS QUADRINHOS E A LIBERDADE DE APRENDENTE

A liberdade de expressão e percepção, residem na autonomia, os estudos sobre tais assuntos e as práticas ainda engatinham no cenário educacional brasileiro. Prima-se pelo controle, conteudismo, normas e regras como se fossem a apoteose para aprender e conhecer, sabe-se que pelo contrário, a inventividade, a criação e (trans) criação de tudo que se vê, ouve e faz é que promove possibilidades de aprender para além do excesso de formalismo e repetições.

A autonomia é permissiva quanto as leituras dos contextos vividos pelos discentes, incluindo a casa, a rua, a vida, a brincadeira, as dificuldades familiares e sociais, ocorre, entretanto, não sozinha, ou determinada pelo poder público, nasce, pelo contrário, da vigilância constante do docente quanto a sua prática como emancipadora. Na mesma

"ideal".

3 Durante décadas lecionei História, entre as atividades propostas estava a representação por meio de desenhos sobre determinados contextos, fatos, conflitos ou situações do cotidiano na história e o medo do desenho sempre era comum.

direção Freire (2002) entende que não apenas o professor precisa compreender a realidade a qual está inserido, mas também, entender e formar seus discentes para que observem que o mundo está em completa construção, não estando pronto e acabado, e que, assim, enquanto sujeitos humanos podem intervir no mundo em que vivem, tanto interpretando, criando, quanto modificando-o.

2.1 Pensar Relações Interétnicas

Ao dimensionar as diversas nuances e possibilidades de pensar o mundo, especialmente na Amazônia rondoniense é que se adotou como proposta a “invenção” de Histórias em Quadrinhos, com vistas a dar voz e vazão as percepções infantis e adultas sobre os povos indígenas de Rondônia. No estado em tela, os contatos iniciais com os povos indígenas ganham mais notoriedade a partir do Ciclo da Borracha, que intensificou os contatos interétnicos e ensejou perdas irreparáveis aos grupos étnicos locais.

Na literatura sobre os povos indígenas de Rondônia, vamos encontrar pequenos relatos de trabalho dos indígenas na extração do látex, dentre eles podemos destacar Franz Caspar (s/d), que narra sua experiência com os Tupari e relata o trabalho nos seringais dos mesmos, além de citar os Jaboti, Makuráp, Arikapú e Aruá, nos seringais na região dos hoje municípios de Alta floresta e Costa Marques.

Karitian, Makurap, Sakarabiá, Arara, Cinta Larga, Gavião, Suruí, Puroborá, Tupará, Uru-eu-au-au, Zoró, são apenas algumas das etnias que (re) existem no estado de Rondônia. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia – IBGE do ano de 2010, aponta como índice demográfico uma população de 13.076 indígenas. Tendo em mente que o censo já possui quase dez anos e que o emaranhado de povos indígenas está distribuído em 28 aldeias⁴, e que, a alteridade sobrevive, ou seja, co-habitam povos distintos em espaços comuns, como por exemplo o povo Wajuru na região do rio Guaporé⁵, estima-se que número seja expressivamente maior, leva-se em conta também, os povos insurgidos, que muitas vezes são desconsiderados nas estatísticas oficiais, pois encontram-se (des) terretorializados em processos de luta pela demarcação de suas terras.

Essa breve apresentação já fornece indícios de quão necessário é estudar os povos indígenas, não apenas porque representam uma forma de conhecer o “outro” e com isso aprender com ele, mas especialmente, devido ao fato de que um povo, significa todo um universo cultural que amplia-se para formas de organização social, política e econômica que podem inclusive colocar em xeque valores e compreensões ocidentais que em grande medida primam pela homogeneidade de saberes-fazer e perspectivas unívocas sobre o mundo. Um grupo indígena representa um universo (língua, cosmologia, mitologia, conhecimentos botânicos, espiritualidade, moral, filosofia de vida), que em muito expressa

4 Aldeia é um termo genérico, pois só entre o povo Suruí do Município de Cacoal existem 26 aldeias da mesma etnia, subdivida em grupos em 04 clãs.

5 O povo Wajuru convive há séculos com os povos remanescentes quilombolas, sociedade abrangente e bolivianos, tendo em vista que a localização da sua terra é fronteiriça com a Bolívia.

as contradições da sociedade envolvente⁶.

Conhecer os povos indígenas é conhecer a nós mesmos, nossas fragilidades, mazelas, frustrações e os valores que norteiam nossa existência, em muitos sentidos desprovida de significados existencial e emaranhadas pelos desejos de consumo, como se a felicidade residisse no “ter” e não no “ser”, na leitura de Baumann em sua obra *Sociedade de Consumo*, pode-se constatar o contrário, o capitalismo parasitário sobrevive da infelicidade humana, no constante, individuar-se para ter novamente, vejamos:

Na sociedade de consumo, ninguém pode se tornar sujeito, sem antes se tornar mercadoria, ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A subjetividade do sujeito, e a maior parte daquilo que aquela subjetividade possibilita o sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim, para ela própria se tornar e, permanecer mercadoria vendável. (p. 20)

Entre a sociedade abrangente, regida pela lógica do mercado e do consumo, observa-se que o valor atribuído aos bens materiais, supera aqueles vinculados a essência do ser. O mundo ocidentalizado, está impregnado de “enganos”, entre os quais, a vida material (no sentido do consumo) tende a “objetificar” as pessoas, que correm para lá e cá, com o propósito de sobreviver ou acumular. Tudo que foge a essa lógica, parece ser efêmero e com pouco sentido. Há de se notar, que historicamente a humanidade tendeu de certo modo “repulsar” todo aquele que é diferente, que não fala a mesma língua ou opera com as mesmas categorias para interpretar o mundo, desse modo, o “outro” torna-se: “bugre, selvagem, bárbaro” entre outros, do mesmo modo, definir “civilizado”, sempre foi um dilema como ensina Whyte *apud* Pesovento (2014):

Em sua análise, o autor apresenta as origens filosóficas e históricas da expressão nas culturas hebraica e greco-romana, passando pelo contexto medieval. Toda a argumentação gira não apenas em torno de civilização, mas também na ideia de bárbaro como expressões opostas e que se complementam, na medida em que uma justifica a existência da outra. No que tange à civilização, o autor é categórico ao anunciar que se não é possível saber o que é ser civilizado, sempre durante a história da humanidade tentou-se encontrar exemplos do que não é. (p. 30)

Apesar da proximidade geográfica com muitos grupos étnicos em Rondônia, a ignorância persiste e é desafio permanente nos processos educativos escolares ou não, recompor perspectivas e promover o conhecimento. Nas cidades que se localizam perto de nações indígenas, também vigora o preconceito e os estigmas, não obstante, o ódio e a aversão ao desconhecido. É certo que a falta de conhecimento enseja muitas compreensões que não correspondem a pluralidade e mesmo as especificidades de cada grupo étnico, todavia, não podemos deixar de mencionar os interesses comerciais adjacentes a

⁶ Entende-se como sociedade envolvente os “não-indios” tradicionalmente denominados “brancos”, mas que não explica ou atende a pluralidade humana nem quanto ao fenótipo, muito menos quantos as nuances culturais.

reprodução de discursos inflamados e de animosidade, estão em jogo quase sempre as terras indígenas, as quais são motivos para diversos litígios, os recursos florestais e os interesses missionários religiosos. Frente a isso, como resposta, os povos indígenas têm buscado resistir de maneiras diversas, tanto revitalizando línguas maternas, retomando festas ancestrais, revisando elementos da espiritualidade, mas também fazendo uso dos espaços da universidade, compondo associações e movimentos de protestos em favor de suas culturas e direitos.

2.2 Gênero e Diversidade na Escola: Um Estudo a Partir de Experiências com HQs

Foi pensando nisso que no ano de 2017, ao ministrar as disciplinas de Fundamentos da História Indígena e História dos Povos Indígenas de Rondônia, junto a Especialização em Gênero e Diversidade na Escola – GDE, vinculada ao Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia – Campus Rolim de Moura, que se planejou e pensou como atividade prática para ser realizada após as aulas, a produção de História em Quadrinhos.

Vale ressaltar, que a Especialização em Gênero e Diversidade na Escola é um dos únicos cursos de Pós-graduação a nível de Especialização oferecidos pela Instituição de Ensino Superior – IES, inicialmente atendeu a um edital que se vinculava a extinta Secretaria de Diversidade vinculada ao Ministério da Educação – SECADI/MEC, que antes mesmo do curso tramitar nas instâncias superiores da IES, o governo federal a suprimiu. O coletivo de professores, entendeu que o curso era pertinente e necessário e continuou com a proposta que foi aprovada e hoje encontra-se em andamento a terceira turma.

No curso em tela, são tratados temas caros a sociedade, entre os quais: feminismo, história e cultura afro-brasileira, sexualidade, questões de gênero, políticas públicas para a diversidade e as temáticas indígenas.

Propôs-se aos cursistas a ação de modo que envolvesse a construção de História em Quadrinhos em interface com a pluralidade cultural e étnica dos povos indígenas. Inicialmente fez-se discussões com os estudantes graduados em diversas áreas (pedagogos, historiadores, psicólogos, advogados, matemáticos e filósofos) que cursavam as disciplinas. Os fundamentos da antropologia e da etno-história foram abordados e amplamente discutidos, a partir de leituras prévias.

Entre os autores estudados destaca-se Laplantine (2002) e Bauman (2008) que apesar de filiarem-se a correntes distintas, são autores signatários do pensamento contemporâneo sobre povos não ocidentalizados e sociedade de consumo, para o nosso caso, trouxemos para compreender a perspectiva indígena e interface com o modelo ocidental como já anunciado.

Após discussões optou-se por realizar a atividade em conjunto, ou seja, um adulto (cursista), com uma criança ou adolescente (colaboradores). Cada cursista iria conversar,

explicar, ouvir e refletir junto com seu colaborador. A faixa etária definida para as crianças e adolescentes ficou estabelecida entre 08 e 16 anos. Como os estudantes da especialização eram oriundos de municípios diversos do estado (Cacoal, Pimenta Bueno, Santa Luzia, Porto Velho), cada qual teve liberdade para escolher com quem produzir as histórias.

2.3 Indígenas nos Quadrinhos: Olhares

Em um primeiro momento foram apresentados alguns elementos que deveriam ser observados ao pensar a narrativa e as histórias a serem criadas. Tomou-se como base para a arte o formato de “gibis”, com vistas a facilitar a compreensão. Na discussão em sala, utilizou-se o método de “tempestade de ideias” para elencar os fundamentos que norteariam a proposta, ou seja, a escolha de palavras-chave ou temas que deveriam ser observados. Entre os quais destacou-se: apresentar a etnia indígena, elementos da alteridade, cultura, resistência, modos de lidar com o “outro” e empoderamento indígena.

No total foram construídos 26 HQ com perspectivas e olhares muito amplos e abrangentes. Adentrou a esfera das escolhas: mitos indígenas, preconceito, valorização da cultura (pajé-xamã), tecnologia e usos indígenas, lideranças indígenas e dificuldades vivenciadas pelos povos indígenas.

| Tema | Grupo Étnico |
|--|----------------|
| Visão de mundo ocidental X Indígenas sobre a terra | Não mencionada |
| Um dia na aldeia | Tupari |
| Diferentes versões de um conto indígena | Não mencionada |
| Conhecendo a diversidade | Arara Karo |
| Filhos da Floresta | Awá-Guajá |
| Raoni: o grande guerreiro | Ver etnia |
| A invasão | Não mencionada |
| Povos indígenas e a tecnologia | Suruí |
| O que é ser índio? | Não mencionada |
| Como ser índio? | Makuxi |
| Visita aos Puroborá | Puroborá |
| Conhecendo a cultura Wari | Wari |
| Avanço sem fronteiras | Rikbaktsa |
| A descoberta de um novo amigo | Não mencionada |
| O povo do fundo das águas | Karajá |
| O encontro com o branco | Xavante |
| O índio que existe hoje | Tupari |
| Ariqemes: homenagem a extinção de um povo | Arikemes |
| Somos todos iguais com culturas diferentes | Suruí |

| | |
|---|--|
| Aprendendo com os diferentes | Suruí |
| Entre o céu e a terra: mais pajés, menos intolerância | Suruí |
| Cultura Indígena: heróis Suruí | Suruí |
| Quebrando o território | Não mencionada |
| Rondônia dos índios | Suruí, Uru-eu-wau-wau, Puroborá, Tupari, Cinta Larga |
| Quem você quer ser quando você crescer? | Não mencionada |
| O dia da caça | Cinta Larga |

Quadro 1 – Temas e Grupos Étnicos Mencionados

Do total dos grupos mencionados nas HQs, seis deixaram de informar a (as) etnias. Ao estudar os enredos das histórias, observou-se que os colaboradores e cursistas primaram por trabalhar com questões relacionadas a diversidade e o respeito aos povos indígenas. Mesmo não citando, houve ampla preocupação em versar sobre as relações interétnicas e especialmente quanto aos conflitos agrários que são recorrentes no estado e no país. Destacam-se nesse caso versões sobre a alteridade e o conhecimento do diverso e plural. Segue abaixo um exemplo dessa natureza de reflexão em que a primazia refere-se a liberdade e o avanço dos colonizadores:



Figura 1

Fonte: Acervo do Laboratório de Prática de Ensino de História (Departamento de História – Universidade Federal de Rondônia – Campus Rolim de Moura. 2017.

No que tange às etnias a mais recorrentes na construção das HQs foi a do povo Suruí, este povo tem sua reserva localizada no Município de Cacoal que é distante 60 quilômetros do Município de Rolim de Moura. Sobre eles podemos conhecer um pouco de sua história pelas palavras de um estudante Suruí:

O meu Povo Paiter Suruí vive na Terra Indígena Sete de Setembro, localizada entre os estados de Mato Grosso (no município de Rondolândia) e de Rondônia numa área de mais de 247 mil hectares. O nosso primeiro contato ocorreu em 1969 e de lá para cá estamos convivendo e aprendendo a viver com a população não indígena que tem causado profundas mudanças e alterações sociais, econômicas e culturais em nossa identidade étnica. A história do nosso contato foi marcada por violências, discriminações, preconceitos e desrespeitos a nossa identidade cultural. Trata-se de um período que para nós foi marcado pela luta em defesa do nosso território e costumes. Por várias vezes tivemos nossa terra ocupada por colonos, pecuaristas, mineradores e madeireiros, que não respeitam a nossa visão cosmológica de mundo. Ainda hoje sofremos aliciamento dos colonizadores invasores que querem a todo custo extrair e comercializar as riquezas naturais do nosso território. (SURUÍ, s/d, p. 01)

Os Surui se auto-denominam Paite que significa “nós mesmos” ou “gente de verdade”, sua organização social está pautada em divisões clânicas, em quatro: “Gabgir, cujo símbolo é um maribondo amarelo; Gamep, cujo emblema é um maribondo preto; Makór, representado por uma Taquara; e Kaban, que remete a uma frutinha doce, clã originado do roubo de uma mulher Cinta Larga” (SILVA; FERREIRA NETO, 2014, p. 164). Esse grupo étnico apareceu em diversos momentos das histórias narradas, diga-se de passagem, são todas fictícias, amparadas por pesquisa bibliográfica, nos quadrinhos que seguem abaixo, pode-se constatar a tentativa de adentrar no universo Suruí, com ênfase nos elementos próprios da cultura, ritual, preocupação ambiental, festas, comunicação com os “espíritos” e pintura corporal e língua materna, vejamos algumas páginas da HQ:



Figura 2

Fonte: Acervo do Laboratório de Prática de Ensino de História (Departamento de História – Universidade Federal de Rondônia – Campus Rolim de Moura. 2017.



Figura 3

Fonte: Acervo do Laboratório de Prática de Ensino de História (Departamento de História – Universidade Federal de Rondônia – Campus Rolim de Moura. 2017.



Figura 2

Fonte: Acervo do Laboratório de Prática de Ensino de História (Departamento de História – Universidade Federal de Rondônia – Campus Rolim de Moura. 2017.

Saber sobre indígenas, sem o ser, parece algo inatingível, tanto pela forma única que cada grupo se organiza, quanto pela nossa incapacidade de “tornar-se” alguém fora do que Geertz chamou de “bolha”, se não é possível adentrarmos a tal universo de maneira plena, cabe-nos apenas aproximações e principalmente resiliência quanto a cultura de qualquer povo, quer seja “índio” ou não, isso cabe também, quando pensamos o pluriverso que é o mundo da sociedade envolvente, se o Puroborá, o Suruí, o Wajuru ou outros podem nos ensinar, talvez seja também plausível e imaginável que possamos nos ajudar no quesito solidariedade quanto aos enfrentamentos próprios a cada lugar social que as pessoas ocupam. No caso da imagem e narrativa que abaixo se apresenta, constata-se o cuidado, o querer bem, que se não, deveria estar em primeiro lugar nos nossos planos de vida, mas também os desafios e enfrentamentos “com os outros”. No caso versa sobre o “Índio Feio” em uma metáfora da vida cotidiana:

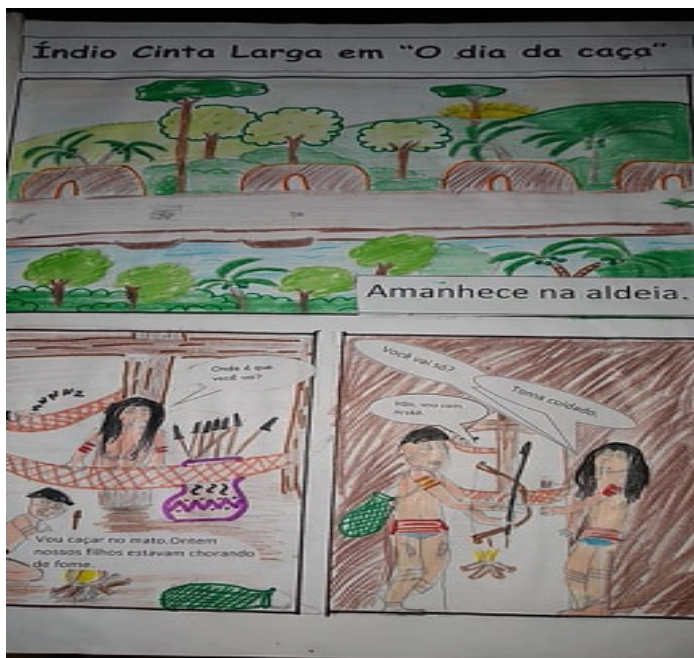


Figura 3

Fonte: Acervo do Laboratório de Prática de Ensino de História (Departamento de História – Universidade Federal de Rondônia – Campus Rolim de Moura. 2017.

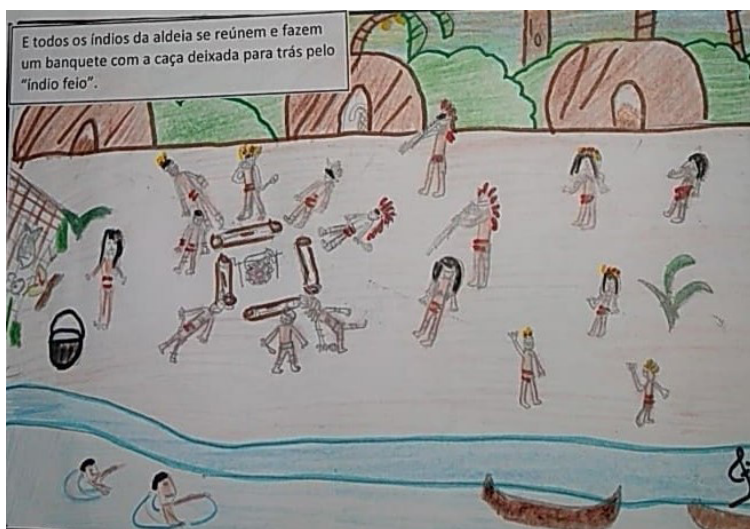


Figura 3

Fonte: Acervo do Laboratório de Prática de Ensino de História (Departamento de História – Universidade Federal de Rondônia – Campus Rolim de Moura. 2017.

Na HQ intitulada “O dia da caça”, a produção textual e imagética circunda elementos míticos do povo Cinta Larga, possuem vasta terra indígena, contudo, diariamente são atingidos pela extração ilegal de madeiras via Município de Espigão d’Oeste – RO, são incontáveis carretas que saem da reserva sem a devida fiscalização, os madeireiros chegam a montar serrarias nas “portas da terra indígena”, valendo-se de rivalidades internas, incursões de missões religiosas e o desconhecimento de alguns indígenas dessa etnia quanto as convenções e interesses do capital, dia a dia os Cinta Larga tem sofrido com a expansão de frente exploratórias, não apenas de madeira, mas também de diamantes.

Apesar dessa história triste que vem se desenhando, os elementos e traços culturais mantêm-se vivos e estão espalhados, a história do “Índio Feio” é uma delas que sobrevive ao tempo.

A temática da exploração também ganhou relevo é o que mostra a imagem abaixo:

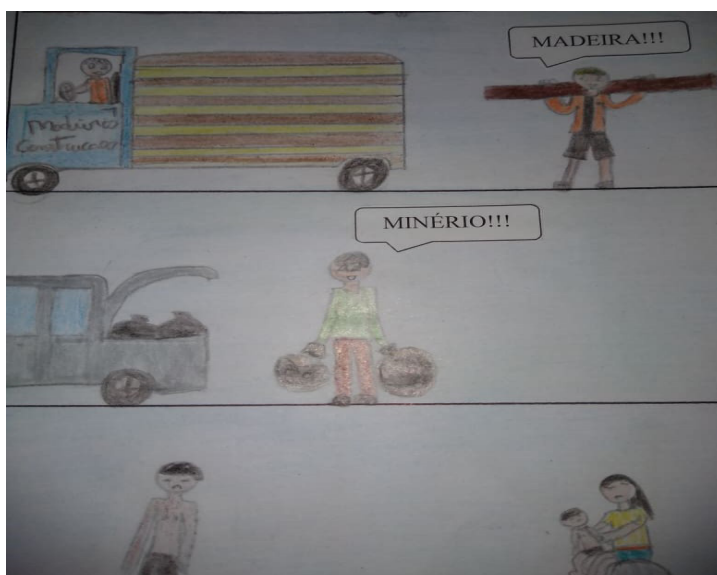


Figura 3

Fonte: Acervo do Laboratório de Prática de Ensino de História (Departamento de História – Universidade Federal de Rondônia – Campus Rolim de Moura. 2017.

Não há como contar a história indígena, sem levar em conta os séculos de expropriação, violência física ou dos germes, exploração, guerras, projetos políticos que transformaram espaços amazônicos em “espaços vazios” para corroborar com os projetos de “integração nacional” ou de colonização que visavam distribuir terras que já tinham donos ancestrais. Essa história foi e ainda é tingida pelo vermelho, do urucum para a guerra e festividades entre alguns grupos étnicos, mas também pelo rubro do sangue indígenas

que tem sido derramado há mais de cinco séculos.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As HQs já foram tiranizadas, como se fossem avessas ao saber, inimigas dos autores clássicos e mesmo da literatura, entretanto, nas últimas décadas do século XX e primeiras do XXI tem emergido outras abordagens acerca do tema. A ascensão de autores estrangeiros e nacionais não pode ser evitada devido ao apreço que os leitores têm por essa modalidade de “escrita do mundo”. É atrativa e pujante, não há criança que não se interesse e adulto que não conheça sequer uma, ou tenha lido. A modalidade ganhou espaço no mundo, mas na escola ainda é restrita, apesar de diversas iniciativas com o propósito de demonstrar sua força ao “dizer” e comunicar algo. Nesse estudo a atenção foi dada a prática pedagógica que propicia a invenção, a criação e a mensagem sobre os povos indígenas de Rondônia a partir das HQs. Não foi tema de estudo a interpretação e sim sua possível aplicabilidade, e esta, tornando-se também objeto de investigação sobre a práxis docente.

No caso da história, seu ensino e pesquisa, ainda restam muitos desafios, pois os cânones que esta ciência inventou para si, a enjaulam em muitos casos, dentro de texto pouco atrativos devido a linguagem excessivamente formal ou severidade na aplicação de conceitos para compreender o passado-presente, fugir a isso não é tarefa fácil, especialmente quando se trata do ensino superior ou especialização, contudo, é possível, valendo-se do atrevimento com fundamento daquilo que se faz, concordando com o assunto Bonifácio (2005) traz a seguinte problematização:

As batalhas pela legitimação e pelo encontro de uma “verdadeira” narrativa histórica, caracterizam o ambiente acadêmico – concretizando-se pela busca do rigor científico presente nas diferentes pesquisas, discussões e publicações – mas também ultrapassam seus limites, estendendo-se para o espaço escolar, para os livros didáticos da disciplina de História, filmes e histórias em quadrinhos.(p. 05).

Lutar a favor de outras “didáticas” é desafiador, causa estranhamento, críticas e desqualificação, opera-se como se a “verdade” só pudesse ser conhecida nas margens estabelecidas pelos que detêm o ofício de historicizar ou por meio das dimensões e balizas que essa ciência inventou para si. Não queremos aqui banalizar ou tornar o conhecimento sobre algo, como sem rigor, deseja-se sobretudo, outros rigores e que sejam dotados de boas metodologias para ensinar e aprender junto com os estudantes, sobre qualquer assunto, incluindo com muito zelo os povos indígenas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em consumidores. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BONIFACIO, Selma de Fátima. **História e (m) Quadrinhos**: análises sobre a História ensinada na arte sequencial. Dissertação de Mestrado. UFPR, 2005. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgxwChJfNCGWLgcbZmSjgWhLCWdGW?projector=1&messagePartId=0.1>. Acesso em: 03/06/2019.

CASPAR, Franz. **Tupari**. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOMBRICH, Ernst Hans Josef. **História da Arte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Trad. Marie Agnes Chouvel. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PESOVENTO, Adriane. **História da Educação Indígena na Província de Mato Grosso**. Tese de Doutorado. UFMT. Cuiabá (MT): 2014.

SILVA, Nathália Thaís Cosmo. Ferreira Neto, José Ambrósio. A monetarização da vida social dos Paiter Suruí. **Ciências Humanas**. Belém, v. 9, n. 1, p. 163-181, jan.-abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v9n1/11.pdf>. Acesso em: 10/06/2019.

SURUÍ, Jaoton. **Povo Paiter Suruí**. Disponível em: http://www.mel.unir.br/uploads/54403972/arquivos/Povo_Paiter_Suru____Joaton_Suru__264482821.pdf. Acesso em: 13/06/2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Atenção primária 58

Avaliação 23, 33, 35, 36, 45, 69, 73, 83, 96, 103, 141, 158, 179

B

Base Nacional Comum Curricular 40, 41, 43, 48, 51

C

Células-Máter 181

Competências socioemocionais 40, 45, 46, 47, 48, 50, 51

Concepções 49, 65, 125, 158, 202, 210

Criança 22, 25, 26, 46, 52, 53, 54, 55, 56, 71, 72, 73, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 129, 137, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 215

Crianças Refugiadas 52, 53, 54, 55, 56

Criminalidade 20, 21, 24, 28

D

Desenvolvimento Cognitivo 70, 118, 120, 121, 122, 172, 212

Desenvolvimento Humano 1, 2, 3, 4, 10, 21, 26, 33, 100, 180, 210

Desenvolvimento Sustentável 3, 77, 78, 80, 90, 95, 96, 97

Dificuldade de aprendizagem 35

Digitalização 146, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155

Diversidade 3, 13, 16, 17, 18, 23, 46, 48, 62, 124, 129, 130, 131, 194, 198, 211, 212

E

Educação 2, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 33, 34, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 87, 89, 90, 91, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 123, 124, 125, 129, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 179, 180, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Educação Básica 41, 44, 47, 125, 139, 189, 216

Educação de Refugiados 52

Educação Infantil 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 118, 119, 125, 169, 170, 175, 179, 180, 208

Empresas Educativas 146

Engenharia 76, 78, 79, 80, 81, 82, 96, 158, 216, 217

Ensino 9, 7, 8, 13, 15, 16, 17, 26, 33, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 45, 48, 49, 50, 51, 71, 76, 77, 78, 80, 81, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 121, 122, 123, 124, 125, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 142, 143, 145, 148, 150, 151, 153, 155, 158, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 195, 198, 199, 200, 202, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 216, 217

Ensino universitário 77

Esporte 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 216

Experimento didático-pedagógico 98, 99, 101, 103

Extensão 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 95, 96, 97, 114, 117, 151, 152, 189

F

Fitoesteídrico 181, 182, 183

Formação 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 17, 18, 21, 30, 35, 40, 41, 43, 44, 45, 49, 50, 58, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 79, 80, 81, 96, 97, 114, 117, 140, 142, 145, 146, 154, 155, 169, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 194, 195, 196, 198, 199, 203, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217

Formação de pedagogos 186

Formação Docente 169, 179

G

Gamificação 98, 99, 100, 101, 103, 104

Gerenciamento de resíduos sólidos 76, 77, 80, 81, 82, 83, 87, 90, 96

H

Hipofisário 181, 182

Histórias em Quadrinhos 124, 125, 127, 137

I

Inclusão em educação 123

Indígenas 124, 127, 128, 129, 130, 131, 134, 136, 137

Informação 19, 29, 47, 53, 54, 80, 85, 106, 115, 139, 140, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 173, 174, 175, 176, 197, 198, 199, 202, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213

Inovação 144, 146, 213

J

Juventude 20, 22, 24, 34, 43, 117

L

Leitura do mundo 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12

Linguagem 6, 26, 42, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 110, 114, 119, 121, 122, 124, 125, 126, 137, 172, 173, 195

M

Meio Rural 58, 60, 63, 67, 68

Metodologias lúdicas 106

Metodologias Participativas 106, 108, 113, 116

Método Montessori 169, 170

N

Neurociência Educacional 169, 170, 172

P

Pesquisa-intervenção 106, 108, 114, 115, 117

Professores 13, 16, 17, 18, 27, 30, 37, 42, 44, 49, 69, 71, 73, 74, 78, 81, 83, 95, 109, 112, 116, 122, 129, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 153, 155, 158, 175, 180, 188, 189, 190, 194, 195, 196, 200, 201, 204, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 216, 217

Projeto Social 20, 27, 28, 29, 30, 31, 32

Psicopedagogia 74, 118, 121, 176, 216

R

Reforma Empresarial da Educação 40, 42, 43, 51

Rondônia 124, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

S

Saúde da população rural 58

Síndrome de Down 118, 119, 123

T

Tecnologias 43, 47, 109, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 199, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 217

TIC 146, 147, 148, 150, 151, 152, 155, 208


Trabalho de Conclusão de Curso 13, 186, 187, 190, 191, 192, 193, 194

Transgressão 13, 14, 17

Tritalâmica 181

U

Universidade 1, 9, 12, 13, 33, 34, 40, 52, 58, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 88, 91, 95, 96, 97, 106, 117, 118, 123, 124, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 139, 153, 158, 169, 186, 187, 208, 214, 216



Educação e a Apropriação e Reconstrução do Conhecimento Científico

www.atenaeditora.com.br 


contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020



Educação e a Apropriação e Reconstrução do Conhecimento Científico

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 